

A necessidade urgente de regra e de limites

Todas as crianças precisam de regras para se sentirem seguras, as regras ajudam a crescer e contribuem para a socialização. Uma infância sem regras nem limites, traduz-se certamente numa adolescência conturbada e numa idade adulta muito desenquadrada. A criança deve conhecer e respeitar os limites, estes devem-lhe ser apresentados pelos adultos, desde o nascimento através da relação hierarquizada com os pais, acredito na necessidade permanente da distinção entre gerações, pais e filhos, não são amigos e companheiros, são sim educadores, agentes emocionais, que tem de estar dotados de muito amor, imensa disponibilidade, paixão e uma intensidade ilimitada, para passarem valores importantes, para que, desta forma, as crianças se sintam felizes, estimadas e desejadas, para que possam ajudar os seus filhos a saber o que é Ser e Sentir. Fazem parte do crescimento e do desenvolvimento infantil as birras, que são um tema atual dos mais pequeninos, que invade a casa de muitas famílias, no fundo as birras, são acessos temperamentais exuberantes onde existem e, por vezes, persistem gritos, choros estridentes em que algumas crianças, esperneiam, batem o pé e até se atiram para o chão, entre uma enormidade de malabarismos criativos, estas tem durações variadas, consoante a forma e reatividade dos progenitores, estes que, muitas das vezes, ficam sem saber como agir. Quando as birras tem a capacidade de colocar os pais, numa situação frágil e a criança percebe isso, deixa-as com um sentimento de poder sobre os seus pais, potenciando em grande escala as próximas. O conflito é latente, até porque as birras resultam disso mesmo, de um conflito interior da própria criança entre a procura da autonomia e da dependência dos próprios pais. Ajuda muito perceber, e é muito importante, não confundir birra com mau comportamento, e para além disso é importante também, falar de agressividade nas crianças. A agressividade está ligada a uma incapacidade para falar, a mais perigosa é aquela que não é visível, mas a que fica no interior da criança, silenciada. Uma criança que fica imóvel, parada, sem comunicar, pode tornar-se muito violenta. Uma violência manifestada é sempre preferível a uma violência não manifestada, que não se pode exprimir, senão por perturbações psicossomáticas ou psíquicas. Nunca se deve responder a uma criança violenta com violência, antes pelo contrário, é preciso manifestar compreensão pelo “sofrimento” que a criança manifesta, manter a calma, a serenidade e criar eixos de compreensão a serem adaptados a cada situação. Acima de tudo eu acredito, que a firmeza, a persistência e o afeto tem e devem andar de mãos dadas e acredito também, que, se tratarmos as crianças com afeto e respeito, obtemos de volta o mesmo. Os pais não podem ter medo de ser firmes, até porque os filhos não deixam de gostar deles por isso, bem pelo contrário, as crianças gostam que lhes sejam “desenhados” os limites, que lhes sejam dadas regras, para que possam crescer de forma saudável emocionalmente, para estarem preparadas para as adversidades que vão surgir ao longo de toda a sua vida.